



A abordagem da Micro-História e a pesquisa em História do Design no Brasil

The Approach of Microhistory and Research in the History of Design in Brazil

Marcos da Costa Braga, Fausp.
bragamcb@usp.br

Eduardo Camillo Kasparevicis Ferreira, Doutorando Fausp.
eduardo.camillo.ferreira@usp.br

Resumo

O presente artigo busca caracterizar os principais procedimentos da abordagem da Micro-História, e apontar as contribuições que ela pode trazer para a consolidação da pesquisa da História do Design no Brasil. Para isso, realizamos uma descrição geral de aspectos epistemológicos e metodológicos dessa abordagem, e a seguir discorremos sobre algumas das principais características da história e do campo do design que influenciam a sua pesquisa e como a adoção da Micro-História pode auxiliar essa consolidação e tornar a História do Design no Brasil mais ampla e democrática. Para ilustrar nossa argumentação, relacionamos algumas pesquisas concluídas que exemplificam situações em que o micro-olhar sobre um objeto de estudo contribuiu para o resultado final e a ampliação do conhecimento sobre o design.

Palavras-chave: Micro-História; Pesquisa sobre Design; História do Design no Brasil

Abstract

This article aims to characterize the main procedures of the Microhistory approach and point out the contributions it can bring to the consolidation of research in History of Design in Brazil. To do so, we provide a general description of the epistemological and methodological aspects of this approach, and then discuss some of the main characteristics of the history and the field of Design that influence its research, as well as explore how the adoption of Microhistory can assist in this consolidation and make the History of Design in Brazil more extensive and democratic. To illustrate our argument, we present some completed research projects that exemplify situations where a micro-perspective on a research object has contributed to the final outcome and the expansion of knowledge about design.

Keywords: *Microhistory, Design Research, History of Design in Brazil*





Introdução

A pesquisa em design no Brasil tornou-se mais consistente a partir dos anos 1990, com a institucionalização da pós-graduação *stricto sensu* em design e a criação de espaços de divulgação e troca de conhecimentos como o Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, o P&D Design. Neste cenário, a pesquisa da História do Design cresceu e se consolidou nos anos 2000 como uma das áreas de maior destaque nas publicações em anais de congressos e, principalmente, nos livros sobre design no país (BRAGA, 2020).

Esses trabalhos abordam diferentes temas e objetos de estudo de variadas áreas de atuação do design. Em geral, são investigações sobre a trajetória de profissionais, ideias, instituições ou sobre a cultura material gerada pelo design brasileiro. Durante as duas primeiras décadas dos anos 2000 surgiram linhas e grupos de pesquisas, laboratórios e eventos dedicados à História do Design em diferentes instituições do país (BRAGA, 2020).

Entendemos a pesquisa em História do Design como aquela que tem um caráter científico e cujo objetivo é desenvolver conhecimento sobre o design (VAN DER LINDEN, 2010), abrangendo os modos de sua prática, os agentes sociais, os artefatos projetados e os estudos sobre as relações e inserções do design na sociedade nas suas dimensões de produção, circulação e consumo considerando aspectos sociais, culturais e econômicos.

Segundo Braga (2020, p. 331), devido às variadas formações, na graduação e na pós-graduação, dos pesquisadores de História do Design, os aportes teóricos e metodológicos são diversos e oriundos de campos variados como as ciências sociais e até o design da informação, contribuindo significativamente para o conhecimento sobre o design como prática profissional, cultura material e como produto social. Porém, Braga considera que nesta produção ainda se utiliza pouco dos métodos e abordagens específicas do campo da História. No presente artigo pretendemos nos focar em um dos aportes teóricos desse campo, a abordagem da Micro-História, que tem sido utilizada para guiar e estruturar uma parcela das pesquisas em histórias do Design no Brasil, que pode ser constatada em artigos de congressos e periódicos, teses e alguns livros, como por exemplo Braga e Ferreira (2017), Ferreira (2018), Safar (2019) e Pinheiro e Braga (2023).

Nosso objetivo é, por meio da caracterização dos principais procedimentos da Micro-História, apontar as contribuições que essa abordagem pode trazer para a consolidação da pesquisa da História do Design no Brasil.

A abordagem da Micro-História¹

A Micro-História nasce na esteira da Escola dos Annales e da Nova História, do início do século XX. Ela “[...] se caracteriza [...] e se distingue da anterior, [história] tradicional, pelo diálogo com as ciências sociais então emergentes: economia, sociologia, antropologia, ciência

¹ Aqui caracterizamos resumidamente os princípios e métodos da Micro-História. Para aprofundamentos sobre o tema, sugerimos os trabalhos de Ginzburg (1989), Levi (1992, 2020), Szijártó (2002), Barros (2007), Lima (2012), Magnússon e Szijártó (2013) e Campos (2021).



política” (NOVAIS; SILVA, 2011). Ela abraça a ideia de “história-problema”, que seria uma história:

[...] interpretativa, problematizada, apoiada em hipóteses, capaz de recortar o acontecimento através de novas tábuas de leitura, e, na verdade, capaz de problematizar este próprio gesto de recortar um acontecimento. (BARROS, 2012, p. 306)

A Nova História traz uma ruptura com a noção de tempo uniforme e em progressão linear, ou de histórias que se delineiam ao redor de um ponto central e de referência (CARDOSO, 2012, p. 10). Essas características promoveram uma revolução na maneira que se pensava a pesquisa histórica, e impactaram diretamente no surgimento e na razão de ser da Micro-História.

Quanto às origens e ao nascimento da Micro-História, podemos resumi-la como reativa a um momento em que a pesquisa histórica italiana abraçava a História Serial,² combinada a certa crise de uma visão marxista da História após o declínio stalinista, bem como um maior interesse em outras visões da história: anticolonialista, antirracista, feminista etc. (LIMA, 2012, p. 207). Este conjunto de fatores levaram a se pensar a “[...] necessidade de a história social levar a sério a lição da antropologia, voltada para a análise das relações econômicas em conjunto com as relações sociais, políticas e culturais, a partir da referência empírica recolhida na observação direta” (LIMA, 2012, p. 212). Ao longo dos anos 1970 crescia o interesse em “microanálises” históricas, e construía-se o arcabouço teórico que sustentaria as visões de Micro-História. O nome em si consolida-se em 1981, com o lançamento de uma coleção de livros denominada *microstorie*, que contou com a colaboração de Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, e outros pesquisadores alinhados com a perspectiva da microanálise.

Seguimos, assim, para entender onde se localiza a Micro-História no grande conjunto da História. Segundo a proposta de Barros (2005), que organiza a pesquisa histórica em três principais eixos – dimensões, abordagem e domínio –, a Micro-História estaria no eixo das abordagens, e, mais especificamente, das abordagens que determinam o *campo de observação*. Ou seja: ela não busca tratar sobre *o que* se observa (temática, ligado ao eixo do domínio), nem *com que lentes* se observa (enfoque, eixo da dimensão), mas sim *o como* se observa, como se aproximar de determinado objeto de estudo. O princípio básico da Micro-História é trabalhar com a redução da escala de observação, buscando uma delimitação social reduzida e focada de um determinado objeto de estudo em relação à sociedade que se estuda, e com isso conseguir enxergar relações e particularidades que de outra maneira passariam despercebidos se observadas numa escala maior ou em uma visão mais ampla da história.

Vale ressaltar que essa redução de escala não é literal: não há regras quanto a um limite geográfico ou recorte temporal máximo. Trata-se mais de uma delimitação temática em que o objeto de estudo é recortado em sua unidade, e, em um primeiro momento, a despeito de relações mais amplas com outros contextos paralelos que o influenciam (estes devem fazer parte da análise, mas não do recorte do objeto de estudo em si). Com isso, a Micro-História “[...] desviou a atenção do constante foco nas “grandes estruturas, grandes processos e enormes

²História Serial refere-se à abordagem que se utiliza de um conjunto de fontes homogêneo, coerentes em período e tipo, que possibilitem a serialização de seus dados para averiguação de variações e padrões ao longo do tempo.



comparações” [...] para as pequenas unidades na sociedade”³ (MAGNÚSSON, 2003, p. 709, tradução nossa).

Essa delimitação temática e recorte do contexto é, entretanto, metodológica, e não visa justificar um isolamento efetivo do objeto de estudo pesquisado do restante do mundo. Pelo contrário, busca por meio de seu estudo específico e especializado naquilo que é peculiar e próprio do objeto, desvelar novas relações ou questões sociais que auxiliarão entender outros aspectos de contextos mais amplos. Sobre isso, Barros (2007, p. 169) diz:

Quando um micro-historiador estuda uma pequena comunidade, ele não estuda propriamente a pequena comunidade, mas estuda através da pequena comunidade [...]. A comunidade examinada pela Micro-História pode aparecer, por exemplo, como um meio para se atingir a compreensão de aspectos específicos relativos a uma sociedade mais ampla (grifo do autor).

Desse movimento de ver *através* de um estudo micro-histórico incorre que o objeto estudado eventualmente complemente aspectos do contexto mais amplo, ainda que o objetivo central não seja esse, pois antes interessam mais os aspectos particulares do objeto de estudo e de seu entorno próximo. Também não se espera, por meio desta visada, entender completamente o contexto social mais amplo ou que o objeto de estudo o represente. Não se trata de formular generalizações a respeito da sociedade como um todo a partir de um estudo micro-histórico, mas sim aprofundar relações e especificidades que apenas essa visada poderia trazer e, com isso, contribuir para uma construção histórica e temática mais ampla que engloba o objeto estudado.

Uma das características da pesquisa em Micro-História é a *exploração intensiva* de fontes primárias. Exploração intensiva não se refere à quantidade de documentos, mas sim à maneira mais densa e profunda de realizar a leitura destes. Barros (2007, p. 184) esclarece que "o olhar micro-historiográfico necessita desta análise intensiva, incisiva, atenta tanto aos pequenos pormenores como às grandes conexões". Esta visão deriva da influência que a Antropologia exerce epistemologicamente sobre a Micro-História, em especial a ideia de *descrição densa* do antropólogo Clifford Geertz, e sua teoria interpretativa da sociedade. A descrição densa refere-se ao entendimento e descrição das estruturas significantes presentes numa situação social, e por *estruturas significantes* remetemos à ideia do próprio Geertz de que a cultura se faz por uma teia de significados tecida por e emaranhada no próprio sujeito social. Na definição do micro-historiador Levi (1992, p. 141-142):

A descrição densa serve, portanto, para registrar por escrito uma série de acontecimentos ou fatos significativos que, de outra forma seriam imperceptíveis, mas que podem ser interpretados por sua inserção no contexto, ou seja, no fluxo do discurso social. (grifo nosso)

Por conta da própria natureza de micro estudos de pequenas unidades de uma sociedade, nem sempre tais situações são bem documentadas, e a construção de uma narrativa acaba por encontrar lacunas e contradições nos documentos, às quais quem pesquisa deve suprir. Para isso, quem pesquisa acaba ancorando-se naquilo que Ginzburg (1989) chama de “paradigma indiciário”: colocar perguntas ou teses levantadas a partir dessas lacunas, explicitando seus buracos e apresentando-lhes soluções ou interpretações sugeridas segundo sua própria visão de

³“It turned the attention away from the unremitting concentration on the “big structures, large processes and huge comparisons” [...] and towards the small units in society”.



pesquisador, enquanto se coloca no lugar dos sujeitos e objetos pesquisados, derivadas daquela leitura densa de significantes comentada acima.

Contar a história, desse modo, é antes de mais nada dizer: “sou eu quem conta”. E enquanto conta, o micro-historiador se empenha em pôr em uso todo o seu raio de visão, sem normalizar aquilo que é capaz de ver de frente, nem desprezar aquilo que apreende apenas de canto de olho [...]. Assim, o resultado do texto é a exposição do entremeamento desses rastros, e se o micro-historiador “supera” [...] as lacunas é por não tentar eliminá-las, mas por tecer com elas, assumindo sua própria linha, o que significa exercer liberdade para criar conexões entre os elementos presentes e os faltantes, o que também é mostrar as desconexões. (CAMPOS, 2021, p. 18)

Outra das características constitutivas da Micro-História é a sua adaptabilidade metodológica que lhe permite ser referenciada junto a outras linhas historiográficas, e até a outros métodos de outros campos de conhecimento. Por dar atenção ao *como* se olha, a Micro-História não determina o viés analítico que será lançado sobre o tema. É, assim, interessante que se utilize da abordagem micro-histórica junto a referenciais teóricos de domínios variados (como História das Ideias, ou História da Arte, História Cultural ou Econômica etc.) e em conjunto com outras abordagens ou métodos (como a História Oral, História do discurso, História regional etc.) que façam sentido para o objeto em análise.

[...] a Micro-História não se resume à escala reduzida, ou à história vista “de baixo”. Ela também se identifica por aspectos como a exploração dos múltiplos modos de participação dos atores individuais na história; a mobilidade dialógica mais sistemática entre as escalas macro e micro (conhecida como “jogo de escalas”), a frequentação de outros tipos de fontes históricas, como as orais (um princípio dos *Annales* que, não raro, comparece radicalizado pelo micro-historiador, cujos périplos de pesquisa promovem encontros inusitados com fontes não usuais); e pela, até então inédita em historiografia, valorização da história e cultura orais. (CAMPOS, 2021, p. 13)

O uso concomitante da abordagem da Micro-História com outros aportes teóricos da pesquisa histórica deve ser avaliado conforme o objeto de pesquisa, e ser coerente naquilo que faz sentido, caso a caso, entre essas diferentes visões de História, dado que, como toda disciplina das ciências humanas, cada uma dessas visões possui suas próprias bases epistemológicas, e nem sempre concordam entre si. A título de exemplo desse tipo de conflito, há certos embates entre importantes nomes da Micro-História e da História das Ideias (CUNHA, 2014) como Ginzburg e Dominick LaCapra (*História das Ideias*) (LACAPRA, 2015 [1985]; ROIZ, 2009). De fato, as bases conceituais da proposta de História Intelectual de LaCapra fazem-se sobre a filosofia analítica americana e de pós-estruturalistas como Derrida e Foucault, dando assim uma forte ênfase em aspectos da linguagem para escrita e leitura dos textos históricos, relativizando aspectos de interpretação dos documentos, da própria ideia de verdade, dos limites ficcionais da narrativa histórica, e da parcialidade e limitação linguísticas tanto daquilo que se pesquisa quanto da própria pessoa que realiza a pesquisa. As bases da Micro-História, por outro lado, são muito menos organizadas, mas podemos ressaltar a já comentada proximidade à antropologia de Clifford Geertz, por exemplo, e sua teoria interpretativa de viés semiológico, que assume a possibilidade de decodificar e entender (e até deduzir) contextos e relações sociais observadas num objeto estudado a partir de sua análise documental intensiva, gerando possíveis interpretações pelo pesquisador sobre o que se pesquisa. Estas diferenças acabam reverberando para visões diversas e conflitantes em assuntos como prova histórica, possibilidade da verdade, ou mesmo do próprio alcance do fazer história em relação à realidade



estudada, entre outras questões. Tais diferenças, entretanto, não impedem que uma pesquisa se utilize de ambas as linhas, como pontua Barros (2004, p. 23):

Definir o ambiente intra-disciplinar em que florescerá a pesquisa ou no qual se consolidará uma atuação historiográfica deve ser encarado como um esforço de auto-conhecimento, de definir os pontos de partida mais significativos – e não como uma profissão de fé no isolamento intra-disciplinar.

Cabe, assim, a quem pesquisa e lança mão de determinados métodos e abordagens, fazer a costura de seus quadros teórico e metodológico, de forma que tais confluências ou conflitos justifiquem-se em seu projeto de pesquisa amparados pelo seu próprio objeto de estudo.

Conforme colocado acima, a Micro-História não determina temas, mas pode-se dizer que funciona melhor com alguns tipos de temáticas. Barros coloca que: “pode ser uma prática social específica, a trajetória de determinados atores sociais, um núcleo de representações, uma ocorrência [...] ou qualquer outro aspecto que o historiador considere revelador em relação aos problemas sociais ou culturais que está disposto a examinar” (BARROS, 2007, p. 169). Com isso, a seguir gostaríamos de mostrar algumas características da Micro-História que a tornam, hoje, uma abordagem com grande potencial para ser uma aliada da expansão e consolidação da pesquisa da História do Design brasileiro.

Questões da pesquisa em História do Design no Brasil e benefícios da abordagem da Micro-História

Apresentaremos a seguir algumas das principais características da história e do campo do design que influenciam a sua pesquisa e quais seriam os principais procedimentos e olhares da abordagem da Micro-História que acreditamos poder auxiliar a consolidação da História do Design brasileiro.

Um primeiro ponto está no fato de a pesquisa da história do campo do design ter se intensificado apenas a partir do final dos anos 1980, e até o momento presente, algumas regiões do país foram mais estudadas e privilegiadas do que outras. Isto pode estar associado a diferenças regionais, temáticas e temporais da institucionalização da pesquisa em design.

Um segundo ponto, se pensarmos na extensão territorial do Brasil, está nas diferenças da implantação e desenvolvimento de práticas do que podemos considerar como design, em que influi diferenças de graus de urbanização, diferenças de produção de cultura material e diversas frentes, assimétricas entre elas, de políticas desenvolvimentistas ou de incentivo a tecnologias (incluindo as locais e artesanais). Essas diferenças tornam o entendimento sobre as origens dessa prática muito mais complexo de ser formulado sem uma investigação vertical em cada região e a cada caso.

Em terceiro, a identidade profissional ainda é marcada por discursos construídos pela oralidade sobre a implantação do desenho industrial no país, ora atrelado à institucionalização do ensino, ora ao modernismo. Essa situação é percebida e criticada há algum tempo pela comunidade de pesquisadores do Design, conforme se observa na fala de João Carlos Lutz Barbosa (1998) em seu texto de abertura para o 3º P&D Design:



Com a criação do P&D Design, a história do Design começou a ser contada com profundidade e democraticamente. Com base na competência, responsabilidade e dedicação de muitos docentes e profissionais do Design, iniciou-se, a partir daí, um processo de rompimento com diversas tradições acríticas, como a tradição da prática de transmissão oral, sem registro, sem possibilidades de críticas.

Essa transmissão oral sobre as origens do campo dá um certo peso a determinados personagens e eventos, e por mais que a pesquisa nas últimas duas décadas tenha questionado essas origens e apontado novas possibilidades, esse discurso é ainda consideravelmente presente.

Em quarto, nosso campo do design possui muitas idiossincrasias e particularidades em suas muitas áreas de atuação, o que gera uma quantidade enorme de possíveis objetos de estudos, multiplicados especialmente a partir dos anos 1980, quando o campo profissional se expande em número de profissionais, eventos e instituições e ocorre uma maior ocupação de espaços na sociedade. Consideramos que cada área de atuação ou campo profissional do design, entre os vários que existem, possui características próprias de origem, desenvolvimento e mudança ao longo do tempo, como é o caso do Design de Interiores, do Design de Moda ou do Design de Superfície. Em muitas dessas áreas há objetos de estudos inéditos ou pouco conhecidos que podem enriquecer e diversificar as pesquisas em História do Design no Brasil. Entendemos que em todo este universo do design brasileiro incidem características culturais locais e contextos regionais que tornam os objetos de estudos diferentes entre si e com possíveis peculiaridades que consideramos serem de interesse para a historiografia do design brasileiro e que uma Macro-História dificilmente identificaria.

Por último, acreditamos que as grandes narrativas existentes até então sobre a História do Design no Brasil são válidas, mas as consideramos parciais. Por exemplo: Katinsky (1983) enfoca o desenho industrial sob um olhar que traz uma perspectiva das interseções com o campo profissional dos arquitetos; Loschiavo (1995) traça uma importante trajetória dos designers de produto em sua área mais tradicional de atuação, porém limitada ao campo do mobiliário. Esses exemplos demonstram as dificuldades para abarcar toda produção, circulação, agentes sociais, territórios, áreas de atuação e épocas do design em um país continental e com pouca tradição de preservação de acervos e manutenção de fontes primárias.

Outra característica do design no país – a qual a abordagem da Micro-História pode ajudar a elucidar – é que seu desenvolvimento nem sempre ocorreu de modo atrelado à industrialização ou às oscilações da macroeconomia brasileira. O desenvolvimento do ensino formal do design no Brasil é um exemplo disso. Em nenhuma das suas instituições pioneiras, atualmente mapeadas, ele foi implantado por demanda direta da indústria e sim por agentes sociais do campo da cultura, da arte e da arquitetura (FERREIRA, 2018, p. 55-73). Por outro lado, os anos 1980, são considerados pela história macroeconômica como a “década perdida” marcada por volatilidade inflacionária e cambial, mercado de trabalho restrito, entre outros. No entanto, Braga (2016) e Braga e Ferreira (2017) mostram que os anos 1980 foram também marcados por vários eventos importantes para o campo do design e que houve uma ocupação do mercado de trabalho disponível, bem como um crescimento significativo no número de escritórios de design, que revelou demandas sociais setorializadas por onde esses escritórios se multiplicaram nessa época. Esses estudos mostram que a História do Design no Brasil tem suas



particularidades, e que embora esteja, sim, intrinsecamente relacionada à história da sociedade brasileira, muitas vezes o design brasileiro não pode ser entendido partindo-se apenas das macro narrativas da história do país. E isto só foi possível identificar por meio de um olhar, desses estudos e de outras pesquisas, próximos à abordagem da Micro-História, baseado em intensiva exploração de fontes primárias e em contextos bem delimitados.

A Micro-História, pelo seu recorte metodológico, possibilita um tipo de foco no objeto de estudo que dá conta de aprofundar suas características próprias com o mérito de nos propiciar o entendimento sobre o que do contexto local e do contexto mais amplo (“jogo de escalas”) influenciaram o seu desenvolvimento, como por exemplo, de correntes locais e culturais do design, trajetórias de instituições ou escritórios, ou mesmo de certos tipos de abordagem projetual etc. Este foi o caso de Giselle Safar (2019) em sua tese sobre o Setor de Desenho Industrial da Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais/Cetec, na qual entendeu a existência e desenvolvimento desse setor a partir das políticas de desenvolvimento industrial encabeçada pelo governo do Estado de Minas Gerais na época, ao mesmo tempo que apurou particularidades dos projetos como os temas, o caráter de inovação e a busca de impacto social pelos seus designers, apontando o papel desses na consolidação do campo profissional do design mineiro.

Outra contribuição da Micro-História à historiografia do design é possibilitar a identificação de objetos de estudos para além dos personagens ou instituições já considerados protagonistas pela narrativa tradicional do campo. Tal narrativa acaba por tornar opacas outras microrrelações ou personagens que existiram no entorno daqueles que receberam o foco das atenções ou que foram importantes ou protagonistas de outros circuitos do vasto campo do design. Este foi o caso do estudo de Nadur (2012) sobre o arquiteto Lívio Levi, mais conhecido pelos projetos de luminárias, que revelou seu protagonismo nos anos 1960 em um incipiente campo do design de joias, não só pelos seus projetos mas também por organizar exposições de profissionais do ramo e conseguir inserir a joia na Bienal de Arte de São Paulo na época, fatos desconhecidos pela historiografia do design brasileiro até então.

A abordagem da Micro-História herda da Escola dos Annales o conceito de “história-problema”, a partir do qual um questionamento/problema é estabelecido sempre no presente, e é essa questão que guia o olhar do historiador para o passado. A história de pioneiros do design brasileiro já foi explorada para auxiliar a construção da identidade profissional na sociedade (BRAGA, 2020, p. 299), e para isto bastava narrar as realizações projetuais. Entretanto, o momento presente é outro e podemos examinar as trajetórias e produção material destes pioneiros “em função de um problema” (BARROS, 2007, p. 176). Faco (2012) é um exemplo desta possibilidade, pois ao analisar a obra de móveis artesanais de Zanine Caldas dos anos 1970 e 1980, buscou origens no Brasil dos conceitos de preservação ambiental, de reuso e de reaproveitamento da madeira, que se consolidam como protagonistas nos debates do design brasileiro a partir dos anos 1990.

Outra característica da Micro-História, que vai ao encontro das demandas das pesquisas sobre o campo do design, é a sua adaptabilidade metodológica. Especialmente quando o objeto de estudo são os produtos da atuação da profissão, como projetos, artefatos, ambientes, peças gráficas e visuais etc., em que se faz necessário um aprofundamento em suas características, de



acordo com os objetivos das pesquisas. As análises destes produtos requerem referências em campos diversos de conhecimento que podem ser auxiliados pela abordagem da Micro-História: ergonomia, produção fabril, materiais, técnicas de impressão, prática projetual, gestão etc. São visadas que ajudam na construção de uma descrição mais densa que vão desvelar aquilo que os objetivos da pesquisa procuram entender. Um exemplo está no trabalho de Caviquiolo (2014) sobre o transporte público de Curitiba-PR na década de 1970. A autora traz uma análise técnica do projeto do ônibus a partir de entrevistas, diagramas e fotos a respeito de seu projeto, produção e integração no sistema urbano, e lança mão de referencial teórico dos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia para entender aspectos sociais da mudança que o Plano Diretor da cidade trouxe e a relação com os diversos grupos sociais envolvidos no sistema implantado. O campo de estudos sobre Memória Gráfica tem aplicado um certo hibridismo metodológico, e alguns trabalhos se beneficiaram da associação de outros métodos de análise à abordagem da Micro-História, como na dissertação de Nastari Zeni (2019), que utilizou métodos de análise gráfica de Twyman⁴ para investigar uma coleção de livros da Livraria Martins Editora das décadas de 1940-1950 e entender como sua solução gráfica visual e de impressão se inseria ou refletia aspectos de uma linguagem gráfica de livros da época, no Brasil e no exterior.

Considerando ainda essa aproximação que a Micro-História permite com outros métodos, ressaltamos aqui o seu uso associado à História Oral, que tem sido eficaz para a construção de diversas pesquisas da História do Design no Brasil. Pelo fato do nosso campo profissional ter iniciado sua institucionalização em época relativamente recente, encontramos vivos e atuantes diversos agentes sociais que participaram da transformação do campo desde os anos 1970. Assim, lançar mão de ambos os aportes teóricos tem-se mostrado um procedimento investigativo bastante importante para registrar a visão e a vivência desses designers sobre determinados temas, obtendo um tipo de dado que apenas os documentos escritos ou os artefatos não possibilitariam, lembrando que é precária a preservação dessas fontes materiais em nosso país. Essa confluência verificamos em Braga (2016), na tese de Trujillo (2017), com sua pesquisa sobre a Aladi (Associação Latino-americana de Designers), entre outros. Trujillo realizou um total de 34 entrevistas com 30 pessoas que atuaram em diversos períodos da Aladi, o que ajudou a entender as mudanças ideológicas que atravessaram a Associação e a relação dessas mudanças com a situação geopolítica latino-americana.

Observamos também que várias pesquisas têm sido feitas utilizando outras abordagens do campo da História como a História de Vida, ou mesmo alguns levantamentos até mais próximos da História Serial. Porém, entendemos que em muitas delas, e também nas que não têm o seu principal referencial no campo da História, tem ocorrido certa busca por um micro-olhar sobre temáticas do campo muito condizentes com a abordagem da Micro-História. Encontramos essa busca, por exemplo, em algumas pesquisas realizadas na Universidade Federal de Pernambuco, em geral ligadas às temáticas dos estudos da Memória Gráfica, que não fazem referências aos teóricos da micro-histórica, mas empreendem esse olhar detalhado sobre as fontes primárias, ao que é específico e particular do objeto de estudo, ao mesmo tempo que procuram relacioná-lo a contextos históricos próximos, semelhante ao que a Micro-História prescreve. Este é o caso de

⁴TWYMAN, Michael. A schema for the study of graphic language. In: KOLERS, Paul; WROLSTAD, Merald; BOUMA, Herman. (Ed.). Processing of visible language. v.1. New York: Plenum Press, 1979.



Lima (2011), que buscou entender a obra do designer gráfico Lula Cardoso Ayres, relacionando-a às teorias regionalistas e tradicionalistas de Gilberto Freyre a ao design moderno internacional.

Consideramos que este movimento é consequência de uma consciência da diversidade de nosso design, que tem demandado uma busca mais ampla de objetos de estudos mais regionais, como é o caso de Braga, Almeida e Dias (2022). Para nós é sintomático que não se tenha produzido recentemente novas grandes narrativas tentando abarcar de maneira mais geral a História do Design no país. Transparece nisso certo entendimento de que, sem aprofundamentos verticais nas diversas frentes possíveis de pesquisa, não será possível criar novas grandes narrativas horizontais que deem minimamente conta de parte significativa da diversidade do campo do design brasileiro.

Um último ponto que gostaríamos de levantar é que a Micro-História pode enriquecer ou ampliar temas de pesquisa que já são correntes e bem estabelecidos, como o ensino de design, mas que ainda não possuem certos aspectos de sua história explorados e que podem ser relevantes para consolidação do conhecimento desses temas. Um bom exemplo é a pesquisa de Ferreira (2018) sobre os Currículos Mínimos de Design. Apesar da história sobre o ensino de design ter alcançado alguma tradição com pesquisas sobre o surgimento de escolas e análises sobre as formações oferecidas por elas, o levantamento de Ferreira apontou algumas das raízes políticas e ideológicas que embasaram as diretrizes dos Currículos Mínimos de 1969 e 1987, os quais influenciaram – por seu peso de norma – todas as escolas de design deste período.

Estas são algumas das possibilidades que o uso da abordagem da Micro-História pode oferecer à construção de uma História do Design no Brasil mais ampla e democrática. É evidente que não se trata da única abordagem possível que possibilitaria essa construção, já que o arcabouço teórico que norteia uma pesquisa histórica depende de outros fatores, como a natureza do objeto de estudo a ser investigado, a pergunta que se faz sobre tal objeto e os objetivos traçados. Porém, pelos exemplos apresentados e pelos argumentos aqui defendidos, acreditamos que a Micro-História pode desempenhar um papel de destaque nos próximos passos da História do Design no Brasil.

Considerações finais

O fato de a industrialização e urbanização terem ocorrido de maneira mais intensa no país a partir de meados do século XX configurou um contexto nacional que influenciou em certas dimensões do desenvolvimento do design, mas não foi o único fator que determinou sua existência. O design brasileiro em muitos casos e em diversas áreas surge e se desenvolve em contextos e conjunturas socioeconômicas e culturais específicos e em temporalidades variadas. Ignorar essa realidade e os objetos de estudos que podem emanar dela seria empobrecer a historiografia do design no Brasil e deixar de registrar fontes e histórias que podem apontar outras origens, desenvolvimentos e características do design no Brasil.

Por isso, entendemos que o uso da Micro-História na pesquisa da história do campo pode ser uma estratégia – embora não única, certamente produtiva a julgar pelas experiências



aqui citadas – para aumentar a quantidade de objetos de estudo sobre a atividade profissional em uma abrangência nacional maior, e assim ter uma visão mais ampla que inclua regiões e temas pouco estudados no país. Desta forma, teríamos conjuntos de pesquisas com temas afins por região, que deem condições a novas grandes narrativas que auxiliem a configurar um panorama mais abrangente sobre a trajetória da atividade profissional de design no país. O jogo de escalas de contextos da Micro-História possibilita que a história da cultura material do design não foque apenas características formais e projetuais (o que acaba restringindo seu interesse apenas aos designers, fato criticado por Margolin, 2009), permitindo assim que enxerguemos o design como produto social e identifiquemos como afinal ele se insere na sociedade. A ampliação desse interesse para outras camadas sociais permitiria, deste modo, inserir o design nas grandes narrativas da História do Brasil.

A Micro-História como estratégia de pesquisa possibilitaria, por meio desses conjuntos de trabalhos, expandir temas e objetivos de estudos incluindo mais pesquisas em design por etnias, imigrantes, questões de gêneros, influências dos povos originários e africanos, o pré-design de artesanatos etc.

Nosso objetivo aqui foi mostrar, por meio de alguns trabalhos e pelas características da Micro-História, as contribuições que a sua abordagem pode proporcionar, e em que situações ela se adequa bem para a consolidação da pesquisa da História do Design no Brasil.

Referências

- BARBOSA, João Carlos Lutz. Apresentação. In: **Anais do 3º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**. Rio de Janeiro: Estudos em Design, 1998.
- BARROS, José D'Assunção. Os campos da História: uma introdução às especialidades da História. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 16, p. 17-35, dez. 2004. ISSN: 1676-2584.
- _____. Sobre a feitura da Micro-História. **Revista OPSIS**, v. 7. n. 9, p. 167-185, 2007.
- _____. Os Annales e a história-problema: considerações sobre a importância da noção de “história-problema” para a identidade da Escola dos Annales. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 12, n. 2, p. 305-325, 2012.
- BRAGA, Marcos da Costa. Investigación en historia del diseño en Brasil: orígenes, historiografía y breve panorama de las líneas de investigación. In: DEVALLE, Verónica Estela; GRAVIER, Marina Garone (Orgs.). **Diseño latinoamericano: diez miradas a una historia en construcción**. Bogotá: Universidad de Bogotá, Jorge Tadeo Lozano; Universidad Santo Tomás; Politécnico Gran Colombiano, 2020. p. 285-346.
- BRAGA, Marcos da Costa; FERREIRA, Eduardo Camillo Kaspavicius (Orgs.). **Histórias do design no Brasil III**. São Paulo: Annablume, 2017.
- BRAGA, Marcos da Costa; ALMEIDA, Marcelina das Graças de; DIAS, Maria Regina Álvares Correia (Orgs.). **Histórias do Design em Minas Gerais II**. Belo Horizonte: EdUEMG, 2022.
- CAMPOS, Natália. Notas sobre a Micro-História: uma interlocução entre Carlo Ginzburg e Luis González y González. **Diálogos**, n. 6, p. 9-30, 2021. <https://doi.org/10.53930/348514>
- CARDOSO, Ciro Flamarion. História e conhecimento: uma abordagem epistemológica. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 207-223.



CAVIQUIOLO, Suelen. A construção social do transporte coletivo em Curitiba – PR na década de 1970 e o papel de Lauro Tomizawa. In: BRAGA, Marcos da Costa; CORRÊA, Ronaldo de Oliveira. **Histórias do Design no Paraná**. Curitiba: Editora Insight, 2014.

CUNHA, Marcelo Durão Rodrigues da. Relações de força e limites da ética historiográfica: a representação histórica no debate entre Carlo Ginzburg e Hayden White. In: **Sinais – revista Eletrônica**, n. 15, p. 16-33, jun. 2014.

FACO, Luciane Costa. O surgimento do conceito de preservação ambiental na metodologia de projeto de produto em design: pioneirismo de Zanine Caldas no Brasil. In: BRAGA, Marcos da Costa; MOREIRA, Ricardo Santos. **Histórias do design no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2012. p. 75-90.

FERREIRA, Eduardo Camillo Kasparevicis. **Os Currículos Mínimos de Desenho Industrial de 1969 e 1987: origens, constituição, história e diálogo no campo do Design**. São Paulo: Blucher, 2018.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

LACAPRA, Dominick. O queijo e os vermes: o cosmos de um historiador do século XX. In **Revista Topoi**, v. 16, n. 30, p. 29-312, jan.-jun. 2015. DOI 10.1590/2237-101X016030011

LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-História. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

_____. Micro-História e história global. In: VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre (Orgs.). **Micro-História: um método em transformação**. São Paulo: Letras e Vozes, 2020.

LIMA, Henrique Espada. Micro-História. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 207-223.

LIMA, Rafael Leite Efrem. **Estética moderna do Design pernambucano: Lula Cardoso Ayres**. Dissertação PPGDesign da UFPE, 2011.

MAGNÚSSON, Sigurdur Gylfi. The Singularization of History: Social History and Microhistory within the Postmodern State of Knowledge. **Journal of Social History**, v. 36, n. 3, p. 701-735, 2003.

MAGNÚSSON, Sigurður Gylfi; SZIJÁRTÓ, István M. **What is Microhistory? Theory and Practice**. New York: Routledge, 2013.

MARGOLIN, Victor. Design in History. **Design Issues**, v. 25, n. 2, p. 94-105, 2009.

NADUR, Angela Vido. Lívio Levi: vida, obra e o início do Design de joias no Brasil. In: BRAGA, Marcos da Costa; MOREIRA, Ricardo Santos. **Histórias do design no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2012. p. 15–29.

NASTARI ZENI, Silvia. **O projeto gráfico da Coleção Biblioteca de Literatura Brasileira, publicada pela livraria Martins Editora nas décadas de 1940-1950**. Dissertação. São Paulo: PPGDesign da FAU USP, 2019.

PINHEIRO, Ana Carolina Martins; BRAGA, Marcos da Costa. O curso técnico de Desenho Industrial do Cefet-PR: contexto de criação, desafios e objetivos. **Arcos: design, cultura, material e visualidade**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 34-57, 2023.

ROIZ, Diogo da Silva. A reconstituição do passado e o texto literário: a resposta dos historiadores à “virada linguística”. **Revista Diálogos DHI/PPH/UEM**, v. 13, n. 3, p. 587-624, 2009.

SAFAR, Giselle Hissa. **Pioneirismo e Inovação: a história do setor de desenho industrial do Centro Tecnológico de Minas Gerais – Cetec**. 2019. Tese (Doutorado em) – Programa



de Pós-Graduação em Design da Universidade Estadual de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Orientadora: Profa. Dra. Regina Alvarez.

SZIJÁRTÓ, Istiván. Four arguments for Microhistory. **Rethinking History**, n. 2, v. 6, p. 2009-2015, 2002.

BUITRAGO TRUJILLO, Juan Camilo. **ALADI, da libertação de nossos povos às leis do mercado**. 2017. Tese (Doutorado em Design e Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.16.2019.tde-23062017-082539. Acesso em: 2 abr. 2023.

VAN DER LINDEN, Julio Carlos de Souza. Uma taxonomia para a pesquisa em design. **Anais do 9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**. São Paulo: Anhembi/Morumbi, 2010

Sobre os autores

Marcos da Costa Braga

Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É docente credenciado no Programa de Pós-graduação em Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP) e membro do grupo de pesquisa História, Teoria e Linguagens do Design do LabVisual na mesma instituição. É autor de vários artigos e livros sobre história do design no Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-0978-2550>

Eduardo Camillo Kasperevics Ferreira

Doutorando em Design pela Fauusp, é bacharel e mestre pela mesma instituição, tem interesse e pesquisa a história do ensino e prática profissional do campo.

<https://orcid.org/0000-0001-6900-186X>